**reflexões sobre o currículo e o cotidiano do(A) professor(A) a partir do filme “Escritores da Liberdade”**

Carlos César de Oliveira[[1]](#footnote-2)

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC Rio

**Resumo:** Algumas narrativas cinematográficas nos instigam, deslocam o olhar e nos levam a questionar: em que sentido elas podem ajudar a pensar a realidade? Pensando assim, busquei fundamentar-me no filme “Escritores da Liberdade” (Lagravenese, 2007) e em “O Diário dos Escritores da Liberdade” (Gruwell, 2018) para a realização deste estudo qualitativo, que partiu das seguintes indagações: como a escola é tratada? E o currículo? Como ele impacta o cotidiano da professora? A partir disso, buscou-se refletir sobre o currículo e os seus impactos ao trabalho do(a) professor(a), tecendo diálogos com Freire (1996; 2022), Freire e Shor (1985), hooks (2017), Moreira e Tadeu (2013). Ao final, após ressaltar que o currículo é um campo em disputa, o estudo aponta que práticas de ensino dinâmicas, problematizadoras, criativas e dialógicas podem contribuir para transgredir e reinventar o currículo.

**Palavras Chaves:** Currículo; Transgressão; Práticas de Ensino; Educação como prática da liberdade.

 O estudo em questão tomou como referência o filme “Escritores da Liberdade”, dirigido Richard Lagravenese (2007) e o livro “Diário dos Escritores da Liberdade” (Gruwell, 2018). Com um olhar atento e problematizador, busquei tecer algumas reflexões sobre a escola e o currículo, partindo das seguintes questões: como a narrativa cinematográfica pode ajudar a pensar a escola e o currículo? Qual o papel dos diários nesse processo de reinvenção?

 Tais perguntas levaram-me a re-ver o filme e a ler os diários com o olhar de professor-pesquisador, buscando neles elementos que possam contribuir para pensar a escola e o currículo, estreitando o diálogo com estudiosos como hooks (2017), Freire (1996; 2022), Freire e Shor (1985), Moreira e Tadeu (2013).

 Inicialmente destaco que apesar da verossimilhança, o filme não tem o compromisso em retratar a realidade de forma fidedigna. Porém, a partir de suas cenas, bem como dos diários (Gruwell, 2018), foi possível analisar e refletir sobre alguns dilemas enfrentados pela escola – tomando como referência uma escola norte americana situada em Los Angeles, na Califórnia –, atentando para suas interferências no cotidiano da escola e nas práticas de ensino. Afinal, como tais práticas podem ajudar a pensar as escolas brasileiras?

 Duas aspectos parecem convergir: a diversidade cultural e a exclusão escolar. A partir disso, chamo atenção para as questões identitárias e as disparidades sociais, que interferem significativamente nas práticas de ensino e no desempenho das/os estudantes. Sobre esse assunto, em “A escola como espaço sócio-cultural”, Juarez Dayrell (2001) nos convida a refletir sobre a diversidade cultural na escola e a importância da valorização desta diversidade, algo que atravessa o currículo. Ocorre que muitas vezes ela não é levada em consideração no currículo, tampouco nas práticas de ensino desenvolvida pelos professores, a exemplo da Prof.ª Erin Gruwell que chega à escola com o seu plano de curso previamente pensado, sem considerar a realidade dos(as) estudantes, realidade que ela desconhecia, visto que residia em outro lugar distante da escola. Pensar o currículo a partir dos sujeitos, da escola, implica compreender:

Quem são estes jovens? O que vão buscar na escola? O que significa para eles a instituição escolar? Qual o significado das experiências vivenciadas neste espaço?

Para grande parte dos professores, perguntas como estas não fazem muito sentido, pois a resposta é óbvia: são alunos. E é essa categoria que vai informar seu olhar e as relações que mantém com os jovens, a compreensão das suas atitudes e expectativas. Assim, independente do sexo, da idade, da origem social, das experiências vivenciadas, todos são considerados igualmente alunos, procuram a escola com as mesmas expectativas e necessidades. Para esses professores, a instituição escolar deveria buscar atender a todos da mesma forma, com a mesma organização do trabalho escolar, mesma grade e currículo. A homogeneização dos sujeitos como alunos corresponde à homogeneização da instituição escolar, compreendida como universal (Dayrell, 2001, p. 139).

 Partindo dessa premissa, o filme demonstra que a sala de aula é um espaço diverso e dinâmico, daí que qualquer forma de padronização pode resultar em formas de “exclusão escolar” (Ferrraro, 1999). Isso pode ser notado em diferentes momentos: no desinteresse dos(as) estudantes pelas primeiras aulas; na organização do espaço escolar; na divisão das turmas por desempenho:a *turma avançada* (estudantes brancos), contava uma sala de aula bem equipada, com apoio pedagógico e com o “melhor professor” (entenda-se o melhor professor como aquele que prepara para os exames); e a *turma básica* (estudantes negros), que era tratada como se já estivessem predestinados ao fracasso: a eles, a pior sala, a professora recém-chegada, o não acesso aos livros, fazendo com que não se sentissem partes da escola.

Nota-se, naquele contexto, o reflexo da estratificação da sociedade, com atravessamentos de raça e de classe, o que me leva a questionar: a quem serve a escola? E o currículo? Lembre-se que enquanto “artefato social e cultural”, “implicado em relações de poder”, ele “transmite visões sociais particulares interessadas” e “produz identidades individuais e sociais particulares” (Moreira; Tadeu, 2013, p. 13-14). A respeito destas relações de poder, que explícita e implicitamente atravessam a escola, é possível notá-las ao analisar a posição político-pedagógica assumida por Erin Gruwell em comparação com Margaret Campbell, que nos mostra a escola como um lugar diverso, onde diferentes perspectivas de ensino, e de currículo, estão em constante disputa.

Ocorre que quando esta disputa coloca de um lado a gestão e do outro uma professora recém chegada à escola, resta acomodar-se ou buscar alternativas para transgredir o currículo com ousadia (Freire; Shor, 1985; hooks, 2017), a fim de superar as adversidades: pela escuta, criatividade, acolhimento, valorização dos saberes e da coletividade. Em outras palavras, valorizando o conhecimento de mundo produzido pelos(as) estudantes, conforme destacado no trecho do diário a seguir:

Ah, estou tão frustrada. Este semestre inteiro tem sido uma provação atrás da outra, desde os confrontos raciais até as travessias. Mas não sei se estou frustrada com os alunos ou com o sistema.

Embora seja uma dor de cabeça, são apenas crianças.

Mas os adultos criaram o sistema.

O sistema os separa e então eles são estereotipados como “básicos”, mas, na realidade, são tudo menos básicos. De muitas maneiras, eles são extraordinários. Mas mesmo que os rótulos tenham mudado ao longo dos anos – de “perdedores”, “corretivos”, “básicos” – os efeitos ainda são os mesmos (Gruwell, 2018, p. 52-53).

Neste fragmento, note-se as inquietações da professora Erin Gruwell com o currículo posto, instituído, e como ele é determinante na formação dos sujeitos, muitas vezes levando as(os) estudantes a reproduzirem valores e crenças, sem sequer questioná-los. Ele remete, ainda, à sua ousadia como professora, que ao invés de fazer uso da sua autoridade impositiva, buscou desenvolver estratégias didáticas que valorizassem o acolhimento e a escuta, mesmo sabendo dos seus desafios. Assim, com uma prática docente humanizada, sua ação nos lembra a premissa freireana (1996) de que ensinar exige humildade, mas exige também enfrentamentos, dada a politicidade do ato educativo. Pois, apesar de sua frustração, ela reconhece o papel do sistema que os separa de diferentes formas, no âmbito da escola entre turma “avançada” e turma “básica”. O que determina tais fatores? Quem faz esta divisão? As avaliações? Os índices de aprovação? Que não alcança os “bons” resultados, o que fazer? Estigmatizá-los? Excluí-los?

 Sobre esse assunto, afirma o diário:

Mesmo quem muitas pessoas tenham desistido deles, eu me recuso a acreditar que eles são um caso perdido. A julgar pela participação na “noite de volta à escola”, me faz pensar se alguns dos pais também os abandonaram. Mesmo que suas notas de leitura não indiquem que são “inteligentes” no sentido convencional, é incrível o quão inteligentes eles são. *Eles são uma enciclopédia quando se trata da cultura pop ou recitando todas as letras do último CD de rap* (...) *Eu acho que a chave é construir sobre o que eles já sabem*. Eu tenho tentado escolher que podem relacionar e depois desafiá-los a história à vida (Gruwell, 2018, p. 54, grifo nosso).

 Diante disso, somos convidados a pensar a diferença entre o currículo instituído e o currículo vivido, recriado pelo(a) professor(a) de acordo com a realidade da escola. E no decorrer desse processo, Erin Gruwell repensa sua técnica, o conhecimento trabalhado em sala de aula, o tempo, o acesso a outros bens culturais, enfim, a sua prática docente, reforçando a concepção de que a formação de professores se dá permanentemente (Freire, 1996; 2022), sobretudo, em sala de aula. Assim, junto aos estudantes, começa a “pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem são exigências fundamentais de uma educação democrática” (Freire, 2022, p. 118), sempre atenta ao contexto da escola.

 Acentue-se que a escrita dos diários valorizou as vozes e experiências das/os estudantes, levando-os/as a olharem para a sua própria e história, reconhecendo-se sujeitos, produtores de conhecimento. E, nesse sentido, Erin Gruwell torna-se uma professora sensível às questões de raça e sociais que atravessam a escola, que reinventou o seu modo de ensinar, mantendo “viva a crença de que o aprendizado, em sua forma mais poderosa, tem de fato um potencial libertador” (hooks, 2017, p. 12-13).

 Como sugere hooks (2017, p. 21) o prazer de ensinar é, sem dúvidas, “um ato de resistência”, pois de um lado encontram-se estudantes desacreditados de si mesmos e da educação oferecida pela escola, reconhecendo-a como um espaço de reprodução social. Do outro, a falta de apoio por parte escola, tanto do ponto de vista estrutural como pedagógico, o que pode ser notado quando da solicitação de livros da biblioteca, feita pela professora Erin Gruwell e negada pela professora Margaret Campbel. Assim, chamo atenção para a falta de apoio a professores, especialmente se este tiver um posicionamento político-pedagógico divergente da gestão.

 Ante a discussão apresentada, faço alguns apontamentos: a) frente ao contexto de exclusão escolar, a prática da professora transgride a proposta de ensino adotada pela escola, ao considerar os/as estudantes sujeitos do processo de aprendizagem; b) os escritos da liberdade, representados pelos “diários”, são uma forma de superação de uma “cultura do silêncio” (Freire; Shor, 1985), construída historicamente e reproduzida pela escola; c) o currículo instituído é recriado em sala de aula, a partir do cotidiano dos/as estudantes; d) a prática de ensino adotada situa-se numa concepção de “educação dialógica e libertadora” (Freire; Shor, 1985; hooks, 2017), que resulta em uma prática humanizada-crítico-libertadora.

Ressalte-se que ao repensar sua prática, Erin Gruwell mudou a sua forma de pensar-fazer o currículo, pautando suas estratégias de ensino em uma “educação como prática da liberdade” (hooks, 2017, p. 25), daí os “escritos da liberdade”. Nessa perspectiva, educar implica participar do crescimento humano e intelectual das/os estudantes, desenvolvendo práticas de ensino que respeitem e criem “condições necessárias” para que o aprendizado seja significativo, ou seja, trazendo o cotidiano dos/as estudantes para a sala de aula e fazendo da escola um lugar de partilha de saberes e de produção de sentidos.

**Referências**

Dayrell, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: Dayrell, Juarez. (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 136-161.

**Escritores da Liberdade**. Direção: Richard Lagravenese. EUA, 2007, 123 min.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:**saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

Ferraro, Alceu Ravanello. Diagnóstico da escolarização no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Set/Out/Nov/Dez 1999 Nº 12, p. 22-47.

Freire, Paulo; Shor, Ira. **Medo e Ousadia** – O Cotidiano do Professor. Tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

Gruwell, Erin. **O Diário dos Escritores da Liberdade**. Tradução Dayane Silva. Joinvile-SC: Clube de Autores, 2018.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – 2. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

Tadeu, Tomaz; Moreira, Antonio Flávio. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: Tadeu, Tomaz; Moreira, Antonio Flávio (orgs). **Currículo, cultura e sociedade**. – 12. Ed. – São Paulo: Cortez, 2013, p. 13-48.

1. Bolsista FAPERJ Nota 10. [↑](#footnote-ref-2)